



Editorial

1974-2024 - Cinquentenário de morte de um dramaturgo brasileiro fundamental: Oduvaldo Vianna Filho

Os 50 anos que se seguiram a 1974, ano da morte de Vianinha, registraram mudanças profundas e irreversíveis para o Brasil e para a ordem geopolítica e econômica mundial. A hegemonia econômica e a ingerência política dos Estados Unidos, nação imperialista que ao longo do século XX determinou os destinos de grande parte do mundo ocidental, foi sendo posta em xeque de diferentes formas e em diferentes contextos, até chegar ao momento atual, que aponta já para sua superação por outros poderes ascendentes apoiados em novas correlações de força.

Novos meios tecnológicos altamente sofisticados e eficazes de veiculação de conteúdos passaram a propagar e a mercantilizar não apenas produtos, mas imagens e perspectivas de pensamento, e estas, por sua vez, passaram a determinar transformações drásticas nos padrões de sensibilidade, de conduta e de convívio social. O sistema midiático de redes, movido pelos capitais das grandes corporações multinacionais de telecomunicações e implantado em escala global, ampliou a níveis nunca antes atingidos a assimilação de novos processos logísticos no mundo da educação, do trabalho e política representativa.

O contexto produtivo passou por reconfigurações consideráveis acarretadas tanto pelo desenvolvimento dos meios de produção como pelas sucessivas crises do capitalismo, e os setores de esquerda, em suas diversas alas, passou a ter que lidar com desafios cada vez maiores nas tentativas de se manter estruturados e operantes. Novas formas de militância passaram a se configurar, e novas formas de ação política e de expressão foram se esboçando.

O espectro do fascismo, mesmo dentro desse novo contexto de tantas transformações, acabou por encontrar brechas para continuar a se fazer presente e para se expandir, tanto no Brasil como internacionalmente.

Na América Latina os governos civis que sucederam as ditaduras militares, a partir de meados da década de 1980, assumiram o ônus de arcar com o pagamento da dívida externa. Isso os manteve na órbita da dependência econômica como importadores de *know-how* tecnológico, e na periferia ideológica do sistema como assimiladores de formas de competência científica e acadêmica inspiradas nas vigentes nos países centrais do sistema.

O mundo do trabalho organizado passou a ser progressivamente esvaziado, deixando de ser a referência central nos meios estabelecidos de subsistência. Paralelamente, muitas formas inusitadas de escravização e de alienação dos trabalhadores foram sendo engendradas e postas em operação.

No campo da cultura e das estéticas dramatúrgicas e cênicas, as décadas seguintes à morte de Vianna tornaram dominantes e amplamente disseminadas as perspectivas de representação de gênero, raça e orientação sexual em detrimento das figurações de classe, que se apoiavam em linhas de análise materialistas e historicizantes. Os fundamentos sociopolíticos e históricos das criações artísticas em processo no país se transformaram e se distanciaram consideravelmente em relação a tudo o que Vianna testemunhou e acompanhou até sua prematura morte.

Quando, no início deste ano, abrimos a chamada de trabalhos para este Dossiê, declaramos no texto de divulgação que o que nos colocava de forma mais urgente diante da relevância do trabalho de Vianna não era o desejo de celebração nostálgica da efeméride, no cinquentenário de sua morte, e nem a expectativa de recuperar formas de criação e de luta desse passado militante de sua época: era, antes, a necessidade de fazer que seu trabalho nos desse elementos que nos ajudassem a entender este presente em que nos encontramos sem conseguir avançar em nenhuma direção.

Em um dos textos compilados na Antologia intitulada *Vianinha. Teatro. Televisão. Política*, organizada por Fernando Peixoto em 1983 e lançada por ocasião do décimo aniversário da morte do dramaturgo, Vianna definia com clareza sua posição:

Estamos atrás de um teatro dos países subdesenvolvidos em luta por sua libertação e pela afirmação autônoma de sua capacidade criadora. Esta é a minha posição. Um teatro que sirva à luta consciente, paciente, determinada, irreversível, contida, disciplinada, final do mundo subdesenvolvido.

É possível que a formação atual de leitores e de estudantes, no nosso momento histórico, os dessensibilize para os expedientes dramaturgicos adotados por Vianna, para sua explícita perspectiva de atuação ligada ao PCB ou para as formas de materialidade dialética sempre fundamentais em sua dramaturgia.

Em face disso, este Dossiê, em alguma medida, é uma declaração de princípios que aqui reafirmamos e registramos pelas razões que se seguem: 1) Vianna escreveu sempre sob a perspectiva das classes trabalhadoras, apoiando-se no contato vivo e direto com as lutas políticas travadas no país, em mergulho profundo nos processos históricos em sentido amplo. 2) Seu amadurecimento como dramaturgo ainda não foi superado diante das coordenadas de trabalho teatral preponderantes no presente. 3) Apesar de tudo isso, nem mesmo nos anos de chumbo da ditadura militar o estudo, o debate e a análise de sua obra tiveram que se realizar diante de perspectivas tão adversas a tudo o ele pensou e escreveu.

Os textos que compõem este Dossiê debruçam-se sobre diversos aspectos constitutivos do grande painel épico do teatro de Vianinha. Na seção Artigos: “Ainda temos tempo para rir: a moderna dramaturgia brasileira de Oduvaldo Vianna Filho em *Bilbao via Copacabana*” aborda a comédia de costumes como gênero fundamental dentro da historiografia do teatro brasileiro; “A experiência épico-realista na peça *Os Azeredo mais os Benevides*, de Oduvaldo Vianna Filho” analisa o processo de rompimento de Vianna com a estética realista, examinando também sua primeira experiência mais profunda com os fundamentos teóricos de Brecht; “A questão do concretismo em *Moço em estado de sítio*” examina a ressonância da estética concretista e o empenho de reflexão do autor no contexto pós-golpe de 1964; “Vianna Filho leitor de Georg Lukács: afinidades no pensamento e nas peças *Moço em estado de sítio*, *Mão na luva* e *Corpo a corpo*” examina de que forma o pensamento estético de Lukács reverbera na estrutura compositiva das três peças mencionadas no título; “Pelos fios inesperados da história: o encontro entre Alberto Salvá e Vianinha no filme *Um homem sem importância* (1971)” discute o trabalho de Vianinha em diálogo analítico com o personagem interpretado por ele no filme mencionado no título; “Sobre a imensidão do meu penar”: a função épica da música popular em *Rasga coração* (Oduvaldo Vianna Filho, 1974)” examina o papel da música popular na estrutura de *Rasga coração*, obra-prima de Vianinha e sua última peça. Na seção Ensaios: “Três vezes Vianna: um ator épico no Cinema Brasileiro” discute o trabalho de Vianna como ator nos filmes *O desafio*, de Paulo César Saraceni (1965), *As duas faces da*

moeda, de Domingos de Oliveira (1969), e *Um homem sem importância*, de Alberto Salvá (1971); “Notas sobre a música e a vocalidade poética no projeto teatral de Oduvaldo Vianna Filho” mapeia os princípios políticos e dramaturgicos do Teatro de Arena e do Opinião, de cuja formulação Vianinha participou intensamente, e examina os aspectos da sonoridade e visualidade articulados em *Rasga coração*.

Como dissemos, a geração de dramaturgos à qual pertence Oduvaldo Vianna Filho enfrentou grandes desafios históricos em várias de suas frentes, e dentro dela, Vianna foi, por sua própria ligação com os setores de luta política na base da sociedade, possivelmente o dramaturgo desafiado de forma mais aguda, intensa e contínua. Que estas observações inspirem e motivem a leitura da dramaturgia de Vianna e os artigos e ensaios deste Dossiê.

São Paulo, 21 de dezembro de 2024.

Maria Sílvia Betti

Agenor Bevilacqua Sobrinho

Fernando Bustamante

Eduardo Luís Campos Lima

DOI: [10.5281/zenodo.14559867](https://doi.org/10.5281/zenodo.14559867)